



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide e alguns de seus predecessores no estudo do candomblé¹

1. A versão primitiva deste trabalho data substancialmente do segundo semestre de 1976, quando redigi a maior parte do extenso capítulo *Previous Literature* de minha tese de doutorado em Antropologia pela *Universidade de Columbia* na Cidade de Nova Iorque, tese essa que, devido a acidentes de percurso de várias espécies, só vim a defender no primeiro semestre de 1983 e a registrar (“to file in”) formalmente em 1988. Porém, bastante antes desses trâmites oficiais, eu já havia começado a apresentar capítulos e seções da tese em congressos científicos e a publicá-los sob a forma de artigos. Tal foi, por exemplo, o caso do artigo listado como Motta (1976) nas referências deste artigo. O texto sobre Bastide, eu o apresentei oralmente, em tradução direta do original inglês, sob o título *Roger Bastide e a pesquisa afro-brasileira*, na terceira reunião da *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais* (Anpocs), em Belo Horizonte, outubro de 1979. Tive a nova e magnífica oportunidade, treze anos depois, de reapresentá-lo, em tradução francesa, no colóquio sobre Roger Bastide, organizado por Philippe Laburthe-Tolra

Dr. Roberto Motta

Dr. Roberto Motta²

Resumo: a liturgia do Xangô gira em torno do sacrifício de animais, seguido pela divisão das vítimas em axé, destinado exclusivamente aos deuses, e em eran, as carnes vermelhas, redistribuídas pela comunidade, redundando numa estratégia

-
- em Cerisy-la-Salle, em setembro de 1992, sendo meu texto incluído no livro principal que resultou desse congresso (MOTTA, 1994). Em versão traduzida para o português e um pouco abreviada, o texto foi também publicado em 1996, mas, submerso num oceano de comunicações de muitos autores sobre vários aspectos do mundo afro-brasileiro, não creio que tenha chegado à atenção dos estudiosos da obra de Roger Bastide. A atual versão retoma fundamentalmente o texto de 1996, porém com um novo título, porventura mais fiel ao conteúdo, além de pequenas supressões e restaurações, visando reaproximá-lo do texto lido em Cerisy-la-Salle, inclusive pela menção expressa à presença de Pierre Verger.
 - 2. Roberto Mauro Cortez Motta graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1962. Obteve o título de Mestre em Ciências Sociais e Desenvolvimento, pelo Institute of Social Sciences, em Haia, na Holanda, em 1964, e o de Doutor em Antropologia pela Columbia University, nos Estados Unidos, em 1973. Realizou pós-doutorado na Université Paris Descartes, Harvard University e University of California. Tem passagem como professor visitante e pesquisador em várias instituições, no Brasil e no exterior, entre elas a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Fundação Joaquim Nabuco, Sorbonne e Center for Study of World Religions, de Harvard.

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

econômica e alimentar. Porém, ultrapassando toda utilidade, o sacrifício culmina na festa, na dança, no transe, implicando no renascimento místico do devoto e na renovação da solidariedade entre os membros do grupo de culto.

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras; sacrifício; festa; xangô.

I

Roger Bastide, entre todos os grandes sociólogos e antropólogos, é certamente o mais versátil. Esse protestante conseguia ser muito “católico”, muito universal em suas preferências teóricas. Muitas passagens de sua obra são influenciadas por Durkheim e Halbwachs. Noutras — o que, aliás, não envolve contradição —, ele demonstra ser discípulo de Georges Gurvitch. Um pouco mais adiante, sem esquecer Lévy-Bruhl, nosso autor se apresenta como continuador de Marcel Griaule. Certos trechos de seu livro sobre *As religiões africanas no Brasil* mostram que era igualmente receptivo a um certo marxismo. Finalmente, num de seus últimos artigos, faz muitos elogios a Claude Lévi-Strauss e ao método estruturalista, bastante apropriado, em sua opinião, para o estudo do sincretismo reli-

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Roberto Motta

gioso, método do qual considera precursor nosso compatriota Raimundo Nina Rodrigues (BASTIDE, 1970).

Apesar da grandiosidade deste prólogo, vou ocupar-me exclusivamente, nesta comunicação, dos trabalhos de Bastide mais diretamente voltados para as religiões afro-brasileiras. De fato, vou limitar-me a seus dois grandes livros, o já referido *As religiões africanas no Brasil*³ e *O candomblé da Bahia (rito nagô*³), que contêm, sobre esse tema, o essencial de seu pensamento. Recordemos que, no tempo de Bastide, eram ainda necessárias, na Sorbonne, para o doutorado de Estado, duas teses, “la grande” e “la petite”, as quais, no caso de nosso autor, estão representadas por esses dois trabalhos, se bem que, com suas 260 páginas na primeira edição francesa, esta última não seja exatamente pequena. Farei agora um esforço para apresentar as linhas centrais do pensamento de Bastide nesses volumes, destacando o que tomou emprestado aos seus predecessores brasileiros. Penso, aliás, que em nada diminuo a sua glória quando saliento as influências que recebeu no Brasil. Justamente uma de suas qualidades mais admiráveis consiste

3. Citado de acordo com a edição brasileira (BASTIDE, 1971).

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

na honestidade com que menciona suas fontes, pelo menos na bibliografia final de *Le candomblé de Bahia*.

Na verdade, Bastide, embora executando essa tarefa com uma originalidade em nada diminuída por seu ecletismo teórico, foi, acima de tudo, um compilador e organizador. Seus trabalhos sobre as religiões afro-brasileiras são essencialmente baseados em dados secundários, isto é, nos trabalhos de seus predecessores, sobretudo brasileiros. Mas não podemos também subestimar o que recebeu de Pierre Verger, que, sendo, nesta matéria, “il gran maestro di color che sanno” e estando presente aqui em Cerisy, poderá confirmar, ou não, muitas de minhas observações.⁴ Bastide não chegava a ser o que se chama um pesquisador de campo. Ele admite, em *O candomblé da Bahia*, um total de nove meses de “enquête personnelle”, de investigação pessoal, no Brasil — cinco dos quais na Bahia

4. Parece que Bastide dependeu muito de Verger em suas pesquisas na Bahia, ou sobre a Bahia, sendo, entre outros aspectos, muito devedor a este último no que se refere à descrição das técnicas da “adivinhação objetiva”, de que trata na seção “Les babalô” de *Le candomblé de Bahia* (Bastide, 1958, p. 99-109). Essa colaboração já havia, aliás, se manifestado desde a publicação, como obra conjunta dos dois autores, de *Contribuição ao estudo da adivinhação em Salvador* (BASTIDE; VERGER, 1953, apud LÜHNING, 2002, p. 193-221).

Dr. Roberto Motta

—, dispersos, esses nove meses, dentro de um período de sete anos (1958, p. 14). Ainda por cima, tudo leva a crer que, na linguagem de Bastide, “enquête personnelle” tivesse, em primeiro lugar, o sentido de contatos com outros estudiosos, residentes nos lugares que visitava. Não precisamos ter preconceitos. Franz Boas, muitas vezes considerado como protótipo do “field worker”, não teria dedicado muito mais tempo do que Bastide ao trabalho de campo,⁵ enquanto outros, conhecidos por suas muitas viagens e pelo que sobre elas escreveram, não teriam ido muito além dos gestos e das palavras.

■ Entrando no assunto propriamente dito, penso que a sociologia (ou antropologia) de Bastide, ao menos a que aplica aos estudos afro-brasileiros, resume-se em dois grandes conceitos: em primeiro lugar — seguindo, sem dúvida, formulações de Durkheim e de Halbwachs —, o de memória coletiva, concebida como o ponto de partida de toda forma de sociabilidade africana no Brasil. Em outras palavras: para nosso autor, o candomblé é a sociedade africana, sobretudo ioruba,

5. É pelo menos o que sustenta Leslie White no ensaio *The Ethnology and Ethnography of Franz Boas* (1963).

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

transportada para o Brasil. Ora, essa sociedade africana é a memória coletiva africana. Pois sociedade (qualquer sociedade) é consciência coletiva, e essa consciência coletiva, à medida que vai durando através do tempo, é a memória coletiva. Nós nos lembramos, logo existimos. E a religião, finalmente, não passa de uma forma privilegiada de consciência coletiva. Religião, memória, sociedade — esses termos se implicam, um não pode existir sem os outros dois.⁶ O candomblé se encontra no Brasil, mas não é do Brasil, e, quando, em certas situações, vem a ser brasileiro é que “degenerou” e não é mais autêntico.

Acompanhemos um pouco esse princípio na “grande thèse” de Bastide, isto é, como já sabemos, em *As religiões africanas no Brasil*. A influência da sociedade e da cultura brasileiras sobre o candomblé, se por um lado é incontestável, é também, de acordo com o espírito que anima o pensamento bastideano, puramente extrínseca. É assim que a integridade da memória vai ser

6. Para Halbwachs, como diz Jeanne Alexandre (1949, p. 8) na apresentação de *Mémoire et société*, “Se o social se confunde com o consciente, deve também confundir-se com a reminiscência em todas as suas formas. Matéria e sociedade opõem-se; sociedade, consciência e personalidade implicam-se; logo, e com mais razão, sociedade e memória também se implicam”.

Dr. Roberto Motta

afetada pela arbitrariedade do tráfico de escravos, que não atinge de igual maneira todos os segmentos da sociedade africana:

Podemos dizer que a memória coletiva é a memória de um grupo, mas com a condição de acrescentarmos um seu aspecto, o de ser a memória articulada entre os membros desse grupo. Ora, foram justamente essas articulações que a escravidão romperá. [...] O tráfico negreiro não prejudicou de modo uniforme todos os setores da sociedade. [...] A fidelidade à África é total, mas é uma fidelidade de partes isoladas. (BASTIDE, 1971, p. 341).

■

O que acarreta, no Brasil, a formação de “buracos” na memória africana, processo ao qual a mitologia, mais que o ritual, é particularmente susceptível: “O mito de Oko está ligado ao do nascimento de Xangô, filho de Iemanjá. Esse último subsistiu no Brasil. O esquecimento de Oko deve-se provavelmente ao fato do sacerdote encarregado de seu culto ter podido escapar à escravidão” (BASTIDE, 1971, p. 341).

Há também as diferenças de latitudes e de calendários, que deslocam certas festas dos contextos originais:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

A data da festa dos inhames novos em setembro, ao invés de julho-agosto, é uma espécie de compromisso entre a tendência brasileira de deslocar a data para fazê-la coincidir com o calendário agrícola subequatorial e a tendência africana para manter a mesma data. (BASTIDE, 1971, p. 78).

A estrutura da sociedade brasileira desempenha também um papel importante. Não sem bastante ingenuidade, Bastide (1971, p. 97) escreve:

No Brasil, como pedir aos deuses a fertilidade das mulheres, se elas põem no mundo apenas pequenos escravos? [...] Como pedir aos deuses boas colheitas numa agricultura que é comercial, e não mais de pura subsistência, e em benefício dos brancos, isto é, da raça dos exploradores? [...] É assim que ocorre uma primeira seleção dos deuses; as divindades protetoras da agricultura são postas à parte, acabando por serem completamente esquecidas no século XX. Em compensação, a figura de Ogum, o deus da guerra, de Xangô, o deus da justiça, ou de Exu, o deus da vingança, tomam lugar cada vez mais considerável na cogitação dos escravos.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Roberto Motta

Esta última citação nos deixa entrever alguma coisa da influência do marxismo sobre nosso autor, a qual parece perfeitamente acomodada ao conceito de memória coletiva, derivado de Maurice Halbwachs:

A cultura africana deixou de ser a cultura comunitária de uma sociedade global para se tornar a cultura exclusiva de uma classe social, de um único grupo da sociedade brasileira, a de um grupo explorado economicamente e subordinado socialmente. (BASTIDE, 1971, p. 98).

Os sistemas simbólicos, “as normas e os modelos da sociedade luso-brasileira” (BASTIDE, 1971, p. 335) não deixam de exercer alguma influência. Escrevendo, é verdade, há quase quarenta anos — desde então o Brasil mudou consideravelmente —, Bastide afirmava, a propósito da suposta bissexualidade de Oxalá, que “esse hermafroditismo chocou profundamente a mentalidade dos afro-brasileiros, passando Oxalá a aparecer na forma de uma divindade masculina” (1971, p. 348). Nosso autor descobre

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

[...] um esforço de moralização das divindades africanas que modifica certos traços de seus mitos [...] ainda mais pronunciado no caso de Iemanjá, que é identificada freqüentemente com a Imaculada Conceição. Como, nesse caso, aceitar que ela tenha esposado seu irmão e que tenha sido violada depois por seu próprio filho Aganju? (1971, 354).

Mas não havia, no Brasil, somente obstáculos à memória africana, que também encontrou “nichos” graças aos quais pôde perpetuar-se. Já a distância entre as classes e as raças, sobretudo em contexto urbano, representou, a seu modo, um desses nichos. Nesse ponto, Bastide, como ele mesmo declara (1971, p. 95), acha-se em próxima dependência de Gilberto Freyre e de René Ribeiro. Depende igualmente desses dois recifenses⁷ quando trata das “estruturas de apoio” que possibilitaram o sincretismo, mencionando, inclusive, as irmandades, à sombra das quais o candomblé foi capaz de sobreviver, e isso não somente no período colonial ou enquanto durou a escravidão:

7. Ver, de Gilberto Freyre, *Sobrados e mocambos* (1936); de René Ribeiro, entre outros trabalhos, *Cultos afro-brasileiros do Recife* (1952); *Religião e relações raciais* (1956); *As estruturas de apoio e as reações do negro ao cristianismo na América portuguesa* (1957).

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Roberto Motta

Não só as “nações” eram preservadas enquanto grupos de festas, mas ainda cada qual podia originar uma confraria religiosa étnica. [...] Dessa maneira, criou-se um catolicismo negro que se conserva dentro das confrarias e que, não obstante a unidade dos dogmas e da fé, apresenta características particulares. (BASTIDE, 1971, p. 171-172).

Nessas estruturas de apoio, podemos distinguir, além dos aspectos mais sociológicos, representados pelas irmandades, aspectos mais simbólicos, como a intercessão dos santos e sua especialização funcional, com Bastide (1971, p. 362) reconhecendo uma

[...] relação cultural da concepção funcional dos santos, que presidem cada qual a uma atividade humana ou que estão encarregados de curar tal ou qual tipo de doença, e a concepção igualmente funcional dos voduns ou dos orixás, que dirigem um setor da natureza ou que são, do mesmo modo que os santos, protetores de profissões: a de caçador, a de ferreiro, a de guerreiro, etc.

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

II

Bastide, como ele próprio escreveu, teve por objetivo “colocar o problema das relações entre diferentes civilizações em termos de memória coletiva” (1971, p. 524). Vamos agora seguir esse núcleo teórico em sua “petite thèse”, na qual o conceito de memória coletiva desempenha papel ainda mais decisivo e explícito, tanto mais que se encontra desembaraçado de toda concessão ao marxismo. Escutemos o autor: “A religião africana marca e controla a existência inteira de seus adeptos [...] e, na medida em que o negro é africano, ele pertence a um outro mundo mental. É esse mundo de representações coletivas que queremos descrever” (1958, p. 15).

Desse postulado deriva a conclusão de que cada gesto e cada símbolo do candomblé significam um retorno à África. Diga-se, outra vez, que não é sem alguma ingenuidade que Bastide (1958, p. 20) prolonga do seguinte modo o trecho que se acaba de citar:

Quando ocorre a crise da possessão, as eke-dys, servidoras dos filhos e das filhas dos deuses, retiram-lhes o casaco — se se trata de um

Dr. Roberto Motta

homem — o xale, que poderia estrangulá-las em caso de convulsão — se se trata de uma mulher — e, antes de tudo, tiram-lhes os calçados. O gesto é altamente simbólico. Trata-se de despojar o indivíduo de sua personalidade brasileira para fazê-lo retornar à sua condição de africano. A descida do orixá devolve-o à vida tribal de seus pais; de agora em diante, ele pisará na terra, que é também uma deusa, com os pés descalços.

Logo se reconhece a afinidade com Marcel Griaule em tais passagens. Como diz o próprio Bastide (1958, p. 24):

Os terreiros de candomblé podem estar separados, podem ser rivais. Mas estão todos ligados por uma mesma realidade, da qual participam todos, a da civilização africana. [...] Não descrevemos o candomblé enquanto instituição, mas, desde o princípio, em termos de civilização e de metafísica africanas.

Penso, entretanto, que somente alguns raros “connaisseurs” reconhecerão, na obra de Bastide, uma influência não menos forte que a de Griaule: a do baiano Edison Carneiro e de sua noção de “pureza” ou de “autenticidade” nagô. Certo: os conceitos de metafísica africana, bem como outros do mes-

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

mo gênero, Bastide os havia recebido de fonte europeia. Mas é a aplicação desses conceitos ao “rito nagô”, além da própria descrição do candomblé, que constitui, talvez, no estudo das religiões afro-brasileiras, a maior dívida de Bastide com relação a seus predecessores brasileiros.

Foi efetivamente a Edison Carneiro, muito antes de Bastide, que se deveu o esforço de “canonização” ou “normatização” da memória afro-brasileira. Foi Carneiro que consagrou o “rito nagô” — na verdade, aquele praticado em dois ou três terreiros da Bahia, onde era particularmente bem recebido — como o único rito autêntico da religião afro-brasileira, sendo todo o resto — sobretudo os candomblés ditos “bantos” (pois havia, para Carneiro, como para Bastide, diversas espécies de africanos) — literalmente relegados à categoria de “degeneração”, devendo, se necessário, ser suprimidos pela polícia.

É que, para Carneiro, fora dos terreiros nagôs tradicionais, o que se passa é que, “assim agindo e reagindo, a mitologia negra vai se degradando, se decompondo, se incorporando ao folclore nacional” (CARNEIRO, 1981, p. 97). “A verdade”, ele escrevia,

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Roberto Motta

[...] é que esses candomblés [bantos] vão se degradando, perdendo a sua precária independência. Muito provável será, portanto, a afirmação de que esses candomblés só se mantenham à custa, à sombra dos candomblés gege-nagôs, aproveitando a sua mítica, o seu ritual fetichista. Nada mais. Até mesmo as largas facilidades que se permitem os negros bantus concorrem, enormemente, para a difusão do charlatanismo.

O que não é muito diferente de dizer, como Bastide (1958, p. 203), que

■

[...] infelizmente o pensamento africano, no seu transporte da África para a América, sofreu perdas e metamorfoses. Só nos restam fragmentos daquela concepção do homem como símbolo do divino, fragmentos, muitas vezes, desajeitadamente amarrados uns aos outros pelos cordões da filosofia católica do ambiente brasileiro.

Bastide adota, sem alteração, as ideias de Carneiro sobre a pureza nagô. Acontece, muitas vezes, de o francês encontrar-se em dependência não apenas conceitual, mas literária, com relação ao brasileiro. É assim que, ao mesmo tempo em

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

que afirma que “o transe é bem verdadeiro”, admite também que “casos de simulação podem produzir-se nos terreiros não-tradicionais” (1958, p. 177). E isso tanto mais que, seguindo ainda Carneiro, ele estava convencido de que “casos de pederastia passiva” eram “bastante numerosos em certos terreiros bantos” (1958, p. 217), e não, como parecia acreditar,⁸ nos outros terreiros...

Bastide estava também persuadido de que os terreiros de “rito nagô formam, em plena cidade da Bahia, verdadeiras sociedades de socorro mútuo e de ajuda fraterna, que mantêm o espírito comunitário africano; o termo convento, aplicado, algumas vezes, a esses grupos, convém-lhes perfeitamente” (1958, p. 47).

8. Em suas observações sobre a “pederastia” banto, Bastide se encontra certamente em dependência de Carneiro. Mas sofre também a influência da antropóloga norte-americana Ruth Landes, a qual trabalhou na Bahia em estreita ligação com Edison Carneiro. De Ruth Landes, veja-se o artigo “A cult matriarchate and male homosexuality” (1940). Critiquei o ponto de vista de Carneiro e Landes (e de Bastide) em meu artigo “Carneiro, Ruth Landes e os candomblés bantos” (MOTTA, 1936), no qual também demonstrei a precedência de Edison Carneiro com relação à sua discípula Ruth Landes.

Dr. Roberto Motta

A descrição de Bastide lembra a Igreja de Jerusalém tal como a retratam Os Atos dos Apóstolos. Os líderes do culto⁹

[...] são, em geral, pessoas notavelmente inteligentes, sutis, de uma polidez refinada, com uma memória espantosa e que sempre nos receberam como um filho. Mas, justamente por isso, a transferência do conhecimento obedece à lei africana. [...] Cada informação adicional obriga seu possuidor a novos deveres ou, se se preferir, a novas obrigações; essas obrigações podem ser financeiras, e chegamos assim a uma segunda lei. A vida religiosa está dominada pela reciprocidade e pela troca. Alguns brancos não o compreendem¹⁰ e consideram

9. De fato, como se desprende do contexto de Bastide, trata-se, eminentemente, das líderes do culto, isto é, das ialorixás das grandes casas nagô. No artigo *A construção da identidade mítica no candomblé*, incluído neste volume, nossa ilustre colega e querida amiga Monique Augras refere que “Bastide se deixou seduzir pela habilidade de uma grande ialorixá da Bahia, que, ao abrir-lhe as portas de sua casa, persuadiu-o, com toda a suavidade de que é capaz uma filha de Oxum, a transformar a descrição do seu terreiro em modelo ortodoxo do mais puro candomblé”. Não pensamos em contradizer nossa colega, mas destacar que essa criação de “modelo ortodoxo” não se teria sido completada sem uma influência de caráter mais bibliográfico, isto é, se Bastide não tivesse tido acesso aos escritos de Carneiro (do qual depende até na maneira de exprimir-se) e de sua discípula Ruth Landes.

10. Certos brancos também não compreendiam que o pai de Monsieur Jourdain, isto é, do Burguês Fidalgo da comédia de Molière, “era muito gentil, muito pres-

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

os babalorixás e as ialorixás como espertalhões que se aproveitam da superstição popular para enriquecerem. Não negaremos que o caso não possa se produzir em certos terreiros bantos ou candomblés de caboclo, mas, então, se trata de seitas em plena desagregação e que são rejeitadas com violência pelos verdadeiros africanos (BASTIDE, 1958, p. 48).

Digamos, para terminar, que Bastide não se limitou a estudar o candomblé. Ele também, em muito, contribuiu para sua *invenção*. Certo: já existia no Brasil, muito antes que ele aqui chegasse, uma religião chamada *candomblé*. A *invenção* encontra-se na “canonização” ou “normatização” de um de seus ritos, considerado, a partir de então, como regra de boa memória e padrão de ortodoxia, que se impõe hoje em todo o Brasil como uma das religiões nacionais, ou, mesmo, como a *religião nacional*. Consagrando esse rito, Bastide seguia o precedente de Edison Carneiro. Ora, este era um escritor de certa distinção. Mas não possuía o prestígio de Bastide, garantido pela autoridade da sociologia e da filosofia europeias. Digo sempre que o candomblé não pode dispensar algum sincretis-

tável; e, como entendia muito de panos, escolhia-os em todos os lugares, trazia-os para casa e dava-os aos amigos em troca de dinheiro”.

Dr. Roberto Motta

mo. Este se fazia antigamente com a Igreja Católica. Hoje, é a ciência social que lhe fornece a aparelhagem conceptual, de que tem necessidade para a sua “eclesiogênese”,¹¹ isto é, para que possa transformar-se em igreja por direito próprio, com seu corpo ritual bem padronizado, seu sacerdócio hierárquico, sua teologia, seus doutores da fé — entre os quais, não sei se exatamente contra a sua vontade, São Roger Bastide.

Referências

- BASTIDE, Roger. Mémoire collective et sociologie du bricolage. *L'Année Sociologique* (troisième série), 21, p. 65-108, 1970.
- BASTIDE, Roger. *Le candomblé de Bahia* (rite nagô). La Haye: Mouton, 1958.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Trad. Maria Eloisa Capellato e Olivia Krähenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

11. Cf. Motta (1988^a).

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Memória, rito nagô e terreiros bantos: Roger Bastide...

BASTIDE, Roger; VERGER, Pierre. Contribuição ao estudo da adivinhação em Salvador (Bahia). *Revista do Museu Paulista*, n.s., vol. vii, p. 357-380, 1953.

CARNEIRO, Edison. *Negros bantus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

CARNEIRO, Edison. *Religiões negras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. Freyre, Gilberto

CARNEIRO, Edison. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro:, José Olympio, 1936.

LANDES, Ruth. A cult matriarchate and male homosexuality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 35, n. 3, p. 386-397, 1940.

LÜHNING, Angela (org). *Verger-Bastide: dimensões de uma amizade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MOTTA, Roberto. Carneiro, Ruth Landes e os candomblés bantos. *Revista do Arquivo Público* (Recife), v. 30, n. 32, p. 58-68, 1976.

MOTTA, Roberto. A eclesificação dos cultos afro-brasileiros. *Comunicações do Iser*, ano 7, nº 30, p. 31-43, 1988a.

MOTTA, Roberto. *Meat and feast: the Xangô religion of Recife, Brazil*. Ph.D. dissertation, Department of Anthropology, Columbia University (Ann Arbor: UMI dissertation service), 1988b.

MOTTA, Roberto. L'apport brésilien dans l'oeuvre de Bastide sur le candomblé de Bahia, dans Philippe Laburthe-Tolra (sous la direction de).

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Roberto Motta

Roger Bastide ou le Réjouissement de l'Abîme. Paris: L'Harmattan, p. 169-178, 1994.

MOTTA, Roberto. A invenção da África: Roger Bastide, Edison Carneiro e os conceitos de memória coletiva e pureza nagô. *In:* LIMA, Tânia (org.). *Sincretismo religioso: o ritual afro.* Recife: Editora Massangana, 1996, p. 24-32.

RIBEIRO, René. *Cultos afro-brasileiros do Recife.* Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1952.

RIBEIRO, René. *Religião e relações raciais.* Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1956.

■ RIBEIRO, René. As estruturas de apoio e as reações do negro ao cristianismo na América portuguesa. *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco* (Recife), 6, p. 250-260, 1957.

WHITE, Leslie. *The ethnology and ethnography of Franz Boas.* Austin, Bulletin of the Texas Memorial Museum, n. 6, 1963.